



FAVELA GÓTICA

Fabio Shiva

Ilustrações do autor

Kali Om

“Parte essencial da jornada do herói interior é adentrar a caverna do subconsciente e ir cada vez mais fundo, enfrentando os próprios monstros, iluminando com a tocha do discernimento o que até então estava oculto nas trevas, até alcançar o âmago de si mesmo, onde repousa a mãe de todos os medos, para então poder ver o seu valor reconhecido e receber o merecido prêmio: a força interior para vencer.”

Registros Akáshicos

SUMÁRIO

DAS TREVAS PARA A LUZ...

per aspera ad astra

DAS TREVAS... (*per aspera*)

I – Feliz aniversário, Liana!	7
II – É a minha enxaqueca, sabe?	25
III – Chupa essa, piranha!	44
IV – Olha ela ali!	59
V – Boa sorte, bebê!	69

...PARA A LUZ! (*ad astra*)

VI – Adeus, meu amor!	88
VII – Pernas novas no pedaço!	108
VIII – Chegou a sua hora de brilhar!	125
IX – Feliz aniversário, Lica!	149
X – Quando nós três nos veremos de novo?	156



primeira parte:
DAS TREVAS...
per aspera



É uma vez uma cidade. O nome não importa. Tudo o que importa é a ânsia, que aprisiona a narrativa no inexorável tempo presente. A fome nunca existe no futuro ou no passado, somente no eterno agora.

É uma cidade grande como tantas, com seus milhões de habitantes, cada qual isolado dentro de sua própria interpretação do mundo. Uma cidade superpovoadas, onde é raro o senso do coletivo. Lar de multidões de solitários, desconectados uns dos outros, destituídos de qualquer laço de identidade grupal além do trabalho, do futebol e da novela. É um lugar abarrotado de indivíduos, que só por zombaria poderia ser chamado de comunidade. As relações humanas são baseadas na competição e na desconfiança: paira em toda parte um estado iminente de guerra de todos contra todos.

Poderia ser a sua cidade. Só que não.

O que torna esta nossa cidade digna de registro é apenas um pequeno detalhe, que faz tudo ficar diferente: aqui as pessoas enxergam as coisas como elas são. Ninguém fica tentando mascarar a realidade com elaboradas fantasias de civilização. Em nossa cidade habitam monstros, como em todas as outras. A diferença é que aqui ninguém finge que eles não existem.

A cidade já está acostumada. Essa nossa gente se acostuma com tudo, principalmente se não tiver outro jeito. Mesmo a pior monstruosidade acaba tornando-se banal depois de ser repetida à exaustão. E por aqui nada é mais banal que topas com um monstro em cada esquina.

Há pessoas normais em nossa cidade também. É claro. Ser normal é só a maneira mais ordinária de ser monstruoso.

Capítulo I

FELIZ ANIVERSÁRIO, LIANA!



** Onde somos apresentados a Liana, uma usuária de Z, e à sua família.*

** Das desvantagens de acordar com ânsia.*

** Qual a diferença entre bebezês, cheirosos e zumbis?*

** De quebra, uma visita à boca da favela e uma sessão de teatro em benefício de um playboy cabeçudo.*

“A falta de dinheiro é a raiz de todo mal.”

Mark Twain

Liana acorda com o sol no olho. A luz da tarde passa pelas brocas no telhado e arde bem na sua cara. O telhado do cafofo tem cada broca enorme, que dá para entrar um gato gordo. O cafofo não passa de um casebre abandonado e semidestruído pelo fogo, ocupado pela família por esses dias. Fica no fim da ladeira que dá para a favela, na fronteira imprecisa com o asfalto. Quando chove, o lugar não presta como abrigo nem como esconderijo. Ainda assim, é o que se tem por hoje para se chamar de lar.

A luz vespertina revela partes do corpo de Liana, enquanto outras continuam na sombra. Ela sente a pele seca e formigando onde o sol aquece. Calafrios cruzam seu corpo. Chega o primeiro espasmo, intenso e doloroso. Deitada no colchão encardido sobre o chão, ela estrebucha e se contrai em posição fetal. Hoje acordou na maior faiúla.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 2,29 x 10⁻⁴³

FAIÚLA

Ânsia, fome, faiúla, tremelique são alguns dos nomes mais utilizados pelos dependentes de Z para se referir à síndrome de abstinência da droga. Outras expressões comumente utilizadas na gíria das ruas também expressam os efeitos da falta de Z no organismo de um viciado: *tomar banho de choque, estar com a mente mordendo, ficar com a fome mordendo, roncar a barriga, comer a fome.*

Com a mente uivando de ânsia, Liana lembra que hoje é o seu aniversário. Na véspera ela meio que quis comemorar. Tomou todas ao sair do calçadão, antes de ir deitar. Ficou totalmente napoleônica, ligeirinha, ligeirinha da silva. Do calçadão ao cafofo perambulou muito e engoliu não sei quantas hóstias, em rápida sequência. Foi caminhando e atirando as cápsulas na boca, mandando para dentro com longos goles de Sangrento, até esvaziar os bolsos e a garrafa plástica de um litro. Chegou ao cafofo quando o sol estava nascendo. Jogou-se no colchão e desmaiou.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 2,29 x 10⁻⁵⁷

HÓSTIA

A droga Z-SDA, também chamada de *zaserdopadre* no dialeto das ruas, é comercializada na forma de pequenas pastilhas brancas achatadas, mais conhecidas pelo apelido de *hóstias*. Seu princípio ativo é um concentrado de três neurotransmissores: Serotonina, Dopamina e Adrenalina, além do misterioso e letal *composto Z*, ainda não satisfatoriamente identificado pelas autoridades encarregadas de reprimir o tráfico da droga.

Cada hóstia vem acomodada em uma cápsula feita de polímero transparente, mastigável e, ironicamente, atóxico. Ao contrário de precursoras como *crack* e *krokodil*, produzidas clandestinamente em laboratórios de fundo de quintal, a confecção de Z só é possível graças ao uso da mais alta tecnologia corporativa.

Liana geme. A faiúla está bem ruim. É muito cedo para essa fome toda. Ela calcula as horas pelo ângulo dos raios de sol atravessando o telhado. É cedo ainda. Pela quantidade de vinho que bebeu, depois de ter engolido até a última das hóstias que ganhou no calçadão, devia estar com a barriga cheia de Z. E não comendo essa fome braba.

É quando nota a delatora mancha de vômito no chão, perto de sua cabeça, secando ao sol. A poça é mais escura nas beiradas, onde já se forma uma crosta de verniz rachado e fosco, que lembra coágulos de sangue. Boiando na viscosa mistura de vinho e suco gástrico, os restos mortais de meio pacote de biscoitos recheados. Emergindo aqui e ali, três ou quatro pontinhos brancos e brilhantes das hóstias semidigeridas, diminutas pérolas de Z.

Muitas denúncias têm sido feitas, principalmente por parte de entidades e ativistas de direitos humanos, a respeito dos supostos propósitos genocidas por detrás da produção em massa da droga Z. O uso de Z, o comércio a varejo e a posse com intenção de uso, ou seja, de pequenas quantidades, são atividades enquadradas como crime e aparentemente combatidas com os rigores da lei. Graças a uma conveniente brecha na legislação, contudo, não é crime nenhum produzir industrialmente toneladas e toneladas de Z para fins de pesquisa médica, desde que se possua a devida licença emitida pelo governo federal.

Liana sabe que se parar para pensar perderá a coragem, por isso ela não hesita. Pinça com os dedos trêmulos a goma pegajosa que sobrou da hóstia mais próxima e a enfia na boca. Faz o mesmo com as outras duas ou três que restam na poça. A última, uma menorzinha, provavelmente a ingerida primeiro, não passa de uma gelatina biliosa, que escorrega por seus lábios quando ela tenta engolir.

Nauseada, ela esfrega a boca com a outra mão. Fica por um tempo concentrada apenas em respirar, em não botar para fora de novo, em esperar a droga que ela engoliu de volta fazer efeito, em deixar os tremeliques passarem. Afinal levanta um pouco a cabeça, passa os olhos pelo cafofo: as paredes queimadas, lixo e imundície por toda parte, incontáveis guimbas de cigarro, pacotes de biscoito vazios, garrafas plásticas, baratas mortas, preservativos usados.

Samara e Galego Miguel dormem abraçados em seu canto, jogados por cima das tiras rasgadas de papelão que lhes servem de cama. Liana inveja o sono do casal, ainda não perturbado pela luz da tarde. Então recorda que sua condição é um pouco melhor que a deles. O canto onde os dois dormem é o mais úmido e fedido do cafofo, sujeito a constantes visitas de baratas, a cada dia maiores e mais agressivas. O colchonete onde Liana dorme, mesmo estropiado e rasgado, pescado no lixo por Mandrá, não deixa de ser um privilégio.

Mandrá e Tio Biu não estão à vista. Devem estar dando seus pulos. Ela coça o braço, distraída, pensando no que fazer a seguir. Hoje Liana completa dezoito anos. Já pode morder cana dura. Não é bom se arriscar mais nos pequenos furtos que lhe rendiam duas hóstias aqui, três acolá. A partir de hoje, além da dança no Cine Orxxx, vai ter que tirar seu sustento mesmo é do calçadão.

Ela não quer nem pensar em ir para o calçadão hoje. Ficar andando de um lado para o outro, fazendo pose, mostrando as pernas e a bunda até algum carro parar. Entrar no carro de algum otário, sorrindo e falando as merdas que os otários gostam de ouvir. E chupar o pau dele, ou deixar, o tempo todo sorrindo, que a penetre ou faça qualquer outra merda que ele queira fazer, até o otário liberar a porra da grana. Ela não quer pensar, mas pensa.

Só que não. Hoje não. Liana não quer fazer programa no dia de seu aniversário. Ela vai pedir dinheiro na porta das lojas até descolar o suficiente para algumas hóstias, para aguentar até a hora de sua dança no Cinema Orxxx. E depois disso vai ver o que faz.

De tanto coçar o braço, acaba arrancando o cascão de uma antiga ferida. Liana prende a respiração ao ver o próprio sangue. Estende a parte ferida do braço para debaixo da luz que entra por uma das brocas no telhado, para enxergar melhor. O sangue continua vermelho. Nenhum zumbi por aqui. Ainda. Ela suspira de alívio. O jeito é se pôr de pé. E encarar o dia.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 2,29 x 10⁻⁵⁹

ZUMBI

Membro de um exército anônimo em constante expansão, *zumbi* é o usuário da droga Z-SDA, essa monstruosa maravilha da engenharia química. Uma hóstia tanto pode ser

ingerida quanto queimada e fumada em pequenos cachimbos, ou mesmo diluída em água e injetada com alguma seringa barata. Ao entrar na corrente sanguínea, o composto Z afeta severamente as hemoglobinas, que o uso prolongado da droga vai tornando mais e mais escuras. Na fase terminal, quando o sangue chega a ficar completamente negro, um viciado em Z faz por merecer o título de *zumbi*.

Este é, inexorável como um deus trágico, o destino de todos os viciados em Z: transformar-se em um zumbi. Na fase final da doença, quando os músculos necrosados pelo composto começam a cair aos pedaços, o poder de devastação da droga é revelado em toda a sua horripilante exuberância. Como também a frágil obstinação da carne, persistindo no engano da vida, mesmo quando maltratada além de toda esperança.

Ela se ajeita para sair, o melhor que pode. A irrisória quantidade de Z que seu organismo está ruminando não vai durar para sempre. É preciso descolar alguma bufunfa para a hóstia o quanto antes.

Ao cruzar a porta do cafofo, dá de cara com Tio Biu chegando. Ele vem com um outro cara. Um otário metido a playboy, na primeira avaliação de Liana. É jovem, de estatura média, mais para gordo, com uma cabeça grande e redonda, que ela acha levemente cômica. Os olhões de coruja a fitam com interesse, por detrás das lentes redondas dos óculos.

Tio Biu estende os braços esqueléticos e escancara a boca para exhibir os poucos dentes:

– Ah, Lica! Era você mesmo que eu queria ver. Trouxe esse chegado para trocar um lero com você, pode ser?

O playboy estende a mão macia e molenga para Liana apertar:

– Prazer, Gabriel.

– Eu sou a Lica. É a respeito de quê essa sua prosa?

– Tô querendo pegar a massa – os olhões escorregam para o decote no bustiê de Liana. Sua voz denuncia que ele é mais novo do que aparenta. Não deve ter muito mais que dezoito.

– Sei onde tem uma da boa. Posso pegar para você.

Ela tenta não demonstrar entusiasmo. Nem bem saiu de casa e já está pintando a primeira grana do dia! Disfarçadamente, olha para Tio Biu, pedindo orientação. É óbvio que está rolando algum teatro para cima do playboy. Só não entende por que Tio Biu não fez o avião ele mesmo, por que quis trazer o otário para o cafofo. Ainda mais que o avião parece ser dos bons. Será que lembrou que era seu aniversário e quis lhe dar o avião de presente? Só que não.

O playboy abre a boca para falar, mas Tio Biu se adianta:

– Não precisa ser tão humilde, Lica. Você sabe que é uma das poucas pessoas que pode conseguir da massa hoje, não sabe? E essa massa que você consegue não é da boa apenas, é

simplesmente a melhor da favela! Porque você é uma das poucas pessoas, Lica, que pode ir na única boca que deve estar aberta hoje, lá na Associação.

– Na Associação? – ela já começa a não gostar da ideia. Que maluquice é essa que Tio Biu está inventando?

– Isso mesmo, Lica. É só lá que tem a massa hoje. Só direto na boca do alto comando dos jacarés, bem debaixo do sovaco de Godizila!

Quando vê Tio Biu piscando um olho, fica mais aliviada. Mas não consegue entender por que tanto teatro para fazer um avião.

– Pois então, Lica. Como eu tava contando para o amigo aqui, essa noite os lobos deram um quebra feio nos jacarés. Levaram um bocado preso, deixaram uns cinco estirados. Os jacarés tão cabreiros como quê. Por isso hoje as bocas amanheceram tudo fechada, só está aberta a da Associação, que nunca fecha. Daí o amigo aqui tá querendo essa massa, e lembrei que você tem conceito com os jacarés, pode descer a baixa de boa.

– Eu?

– Qualé, Lica? Esqueceu que você é afilhada de Godi?

Tio Biu não precisava ficar piscando tanto. A primeira vez já bastava. Assim o otário vai acabar percebendo.

– Afilhada? Você tinha dito que ela era sobrinha de Godizila – o playboy diz, desconfiado.

– Que mané sobrinha, gente fina? Não tá vendo a formosura da moça? Tá vendo alguma escama nela? Algum rabo de lagartixa? Não tem como ela ser sobrinha de jacaré.

– Mas quem disse isso foi você.

– Sobrinha, afilhada, confundi os nomes, pô. Isso não tem importância. O que importa é que a Lica aqui é chegada de Godi, e por isso ela pode chegar de boa nessa boca, que é a única funcionando hoje. Lá é barril dobrado, entendeu, meu camarada? Ainda mais hoje, com os jacarés tudo mordendo o próprio rabo. Daí que só ela pode descolar essa massa pra tu hoje, sacou? Senão, eu mesmo ia. Mas na Associação, só a Lica. Não pude ir, mas resolvi, botei você na situação aqui com ela. Não falei que ia descolar sua parada?

Um dos problemas de Tio Biu é que ele cresce fácil, fácil, mesmo não tendo a mínima condição. Dessa vez, ao menos, o teatro funciona.

– Sim, tudo bem. Obrigado – responde o playboy, intimidado.

Liana decide intervir:

– E aí, vamos resolver o lance?

– Sim, claro – ele responde, sorrindo de alívio.

– Quanto você vai querer pegar?

O playboy hesita um pouco, avaliando Liana. Ela já viu esse olhar antes: a prudência e a fissura estão travando uma batalha. O que será mais forte, o medo de ser roubado ou o desejo pela droga? O resultado dificilmente é uma surpresa.

– Essa massa é boa mesmo?

– Claro que é, gato. Você tá ligado que a maconha que rola na Associação é a melhor da favela, né? Ou seja, é a melhor da cidade.

É moleza aderir ao teatro de Tio Biu. Liana acha que essa lorota da Associação é para valorizar o serviço. Só não entendeu ainda porque ele resolveu passar o avião para ela.

– Bom, eu estava pensando em pegar cinquenta contos da massa... – o playboy coça a cabeça, parece ter algo mais a dizer. Liana se obriga a esperar sem reação, até ali está tudo lindo e maravilhoso. O avião normalmente é de apenas dez contos, rendendo uma comissão de cinco a dez paus. – Mas acho que vou aproveitar essa chance e pegar logo cem contos. Não estão dizendo que está vindo aí outro asteroide, que vai acabar com tudo? Então vamos fazer a cabeça enquanto não chega o fim do mundo!

O playboy sorri da própria piada. Liana não faz ideia do que ele está falando, mas a parte que importa é o quanto ela vai levar de avião nessa. Sorte que o suspense não demora muito:

– Você pega cem da massa e eu te dou cinquenta contos, pode ser?

– Pode ser – ela tenta responder com um tom de voz o mais neutro possível.

O playboy coloca a mão no bolso da calça para pegar a carteira. Liana sente o corpo retesando e percebe que Tio Biu também está tenso. O playboy tira três notas de cinquenta da carteira e passa para Liana. Ela ouve a si mesma respirando. Tio Biu abre seu famoso sorriso desdentado:

– Senta aqui, parceiro, enquanto a Lica vai lá e volta.

Ele aponta para o latão de tinta emborcado no chão, insistindo para o playboy se acomodar. O recipiente vazio, uma das aquisições de Mandrá, é utilizado pela família como banco, mesa ou lata, dependendo da ocasião. Tio Biu acompanha Liana até a porta do cafofo, com os olhos brilhantes de fome e astúcia. Ao chegar à porta ele sussurra:

– Pega tudo de hóstia, entendeu?

– E a maconha do playboy?

– Qual é maconha! Vai na boca e compra tudo de Z. Depois damos um perdido nesse otário.

– Sei não.

– Deixa de ser cagona, Lica! – Tio Biu sussurra, exasperado. Gotículas de cuspe respingam em Liana.

– Se os jacarés ficam sabendo, a gente vai pro sal.

– E quem é que vai contar pra eles? Não vai ser o bundão ali. Não tem coragem nem de entrar na favela. Por isso é que largou essa grana na nossa mão, Lica. Se liga!

Os dois falam em cochichos. Liana espia por cima do ombro de Tio Biu. O playboy equilibra a bunda gorda na lata de tinta, pouco à vontade. Os dois se fitam por um momento. Liana desvia o olhar.

– Puta merda, Tio Biu!

O líder da família puxa Liana pelo braço porta afora, para longe da vista do *playboy*.

– Porra, Lica! Qual é a sua? Vai enfraquecer agora? Eu tenho que voltar lá pra dentro, o cara está desconfiando. Deixe, que eu já bolei um plano. Faz o seguinte. Marque um dez antes de voltar. Vamos dar uma canseira nesse otário. Mas também não demore muito não, ouviu? Que a fome está apertando a mente.

– Isso vai dar merda, Tio Biu. Depois não diga que não avisei.

Liana já vai descendo a ladeira. Ouve o outro dizer às suas costas, em voz alta:

– Confio em você, família.

Ela cede, mas não está de acordo. Tio Biu sabe que isso que eles vão fazer é proibido. Ele conhece a lei dos jacarés tão bem quanto qualquer um. Só que cresceu o olho. E agora está metendo a família em um jogo perigoso.

A ladeira faz uma curva pronunciada antes de chegar à escadinha que demarca o fim do asfalto e o começo da favela. Liana decide dar um tempo ali, para acatar o pedido de Tio Biu. Se é para ficar de bobeira na rua, melhor agora que depois, com o flagrante em cima.

Bem distante no céu, ela avista o dirigível Akasha, sobrevoando como sempre a região da praia e dos prédios luxuosos. Ela vai se sentar no pedacinho final da calçada, onde o rabicho de rua termina abruptamente. A vista é impressionante, mesmo para quem já está acostumado. Diante de Liana estende-se a Baixa do *, até onde os olhos alcançam. Milhares de casas de tijolos tornam o marrom avermelhado a cor predominante na paisagem, recortada pelo cinza-escuro dos telhados e pelo azul das caixas d'água. As casas foram construídas tão próximas umas das outras, que dali do alto da escadinha não é possível divisar as ruas e vielas.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,07 x 10⁻²³

BAIXA DO *

A pobreza floresceu na área mais baixa da cidade. Em alguns terrenos a altitude chega a ser negativa em relação ao nível do mar. O local todo era um grande charco pantanoso há cerca de trezentos anos, quando uma pedra mais ou menos do tamanho de uma geladeira caiu do céu. Durante muito tempo a cratera resultante ficou sendo conhecida como *baixa do asteroide*. Depois, por uma dessas misteriosas transformações da língua, o povo começou a chamar o lugar de *baixa do asterisco*. Com o processo de urbanização e o surgimento da primeira favela na cidade, a região passou a ser designada nos mapas unicamente pelo sinal gráfico *, em uma vã tentativa dos meios oficiais de lidar com o problema por meio da negação. Por fim a favela cresceu tanto, a ponto de se misturar com outras que também cresciam nas redondezas. Qualquer tentativa de delimitação geográfica perdeu o sentido. Assim, livre da ambição de ser dignificada por um nome, verdadeira cidade dentro da cidade, miséria que torna o luxo possível, esse inferno sem o qual o paraíso não poderia existir contenta-se em ser chamado simplesmente de *favela*.

A movimentação parece normal. Nenhum sinal de polícia. Só a ânsia é que começa a pinicar sua pele. Estava até demorando. Liana se coça novamente, por conta de uns comichões gelados que percorrem seu corpo. Já o dinheiro do playboy parece queimar em seu bolso. Não há como esperar mais. Ela desce a escadinha. São quase trinta metros de uma escadaria vertiginosamente íngreme, mas Liana está acostumada a fazer esse percurso várias vezes ao dia.

A boca fica bem na entrada da favela. Nesse horário o movimento é pequeno. Apenas dois traficantes estão à vista, atendendo ao pinga-pinga dos viciados. São dois jacarés adolescentes, na muda. Por algum motivo Liana acha-os mais assustadores nessa fase, quando a metamorfose ainda não está completa. Ela conhece os dois que estão no posto agora. Um fica sempre querendo se engraçar, o outro parece que tem ódio dela e do mundo.

– Cento e cinquenta contos de Z.

– Está abonada hoje, hem, princesa! – diz o paquerador, enfiando a mão no saco plástico em seu colo e separando as cápsulas com os dedos escamosos. Liana recebe as hóstias, preocupada em não demonstrar nojo ao tocar na pele de cobra.

– Já deve ter chupado muita rola desde que acordou – diz o outro, piscando os olhos amarelados com aquele jeito estranho dos jacarés, com a pálpebra de baixo subindo até cobrir o olho. Ele cutuca o colega com um pé que tem unhas maiores que os dedos de Liana. E este solta uma gargalhada que mais parece o ronco de um motor de barco, exibindo uma sinistra fileira de dentes pontiagudos.

Liana sente a indignação ferver dentro dela:

– Respeito, viu? Que não estou dando confiança. Quero ver o que Godi vai dizer quando souber que é assim que vocês tratam os clientes da boca.

A atitude relaxada dos dois muda na mesma hora. O paquerador ainda tenta conciliar:

– Ora, o que é isso, princesa? O colega não falou por mal. Estava só brincando.

O outro começa a piscar repetidas vezes, maligno. O ódio com que ele encara Liana é agora muito mais intenso, focado exclusivamente nela, não mais no mundo inteiro.

– Cuidado com o que fala por aí. Zumbi que assombra na favela leva tiro na cabeça.

O problema é que Liana não lida muito bem com o medo. Quando se sente acuada, ela ataca.

– Veja você a merda que está dizendo. Sabe quem é meu contexto aqui na favela, pra ficar me ameaçando assim? Tenho quem olhe por mim, estão entendendo? Jacaré de boca grande é que vira enfeite no salão de Godizila.

A cartada é puro blefe, mas surte efeito. Liana cresce com tanta convicção para cima dos dois que eles botam o rabo entre as pernas. Ninguém fala mais nada. Ela ainda tem a pachorra de fingir que está conferindo as hóstias na palma de sua mão, antes de enfiar tudo no bolso. Sente a cabeça leve pelo jorro de adrenalina. É quase como quando a onda da hóstia começa a bater. Tenta não demonstrar que suas pernas estão bambas, moles como geleia, enquanto se afasta com a maior dignidade que pode. Só interrompe o passo quando chega na escadinha, para recuperar o fôlego antes da subida. Enfia a mão no bolso e vai transferindo as hóstias para um pequeno frasco de comprimidos vazio que sempre traz dentro do sutiã, para esse fim específico. E aproveita então para realmente contar as cápsulas: são catorze dentro do tubinho de plástico.

A décima quinta hóstia está bem segura entre o indicador e o polegar de Liana. É esfregada, como de costume, na alça da camiseta. Para limpar de germes e das escamas dos jacarés. Ela enfia a cápsula na boca. Com um estalido característico, a fina camada de polímero em volta da hóstia é rompida por dentes ávidos. E esse som tão sutil, ouvido somente dentro de sua cabeça, imediatamente faz com que ela solte suas sonoridades no mundo. Soa um suave estampido, seguido por uma alegre salva de corneta. Isso sempre acontece quando seu corpo pressente que a ânsia está na iminência de ser saciada: Liana começa a peidar incontrolavelmente.

Por sorte não há ninguém por perto. Ela começa a subir a escadinha, sem pressa agora. Liberta da cápsula, a hóstia é acomodada debaixo da língua e escorada contra a gengiva. A parte de baixo da língua começa então a friccionar a droga, para aumentar a área de absorção e acelerar a dissolução no organismo. Um dos primeiros truques aprendidos por todo bebezê.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 2,26 x 10⁻³⁵

BEBEZÊS E CHEIROSOS

Durante a primeira fase de dependência do composto Z, o usuário é conhecido como *bebezê* no jargão dos viciados. Quase todos os zumbis começam chupando as hóstias, como se fossem pastilhas para a garganta. Geralmente a droga é colocada debaixo da língua, para uma rápida absorção da substância ativa. Mas não é incomum que seja engolida como se fosse um comprimido para dormir, ou mesmo empurrada para dentro com a quantidade disponível da bebida mais forte.

O composto Z provoca uma dependência progressiva, exigindo que quantidades cada vez maiores da droga sejam consumidas para evitar as crises de abstinência. A absorção sublingual torna-se ineficiente, chegando em alguns casos a provocar intolerância no usuário, que vomita a hóstia logo após ela ser ingerida. Em determinado ponto, o sujeito começa a fumar a droga em pequenos cachimbos.

O usuário de Z que passa para esse estágio intermediário é comumente chamado de *cheiroso*, devido ao odor característico da hóstia queimada, que fica impregnado na pele e não sai nem com água sanitária. Daí para o estágio de *zumbi* é um pulo, quando só a droga injetada diretamente na veia faz efeito. É por essas e outras que Z é chamada de *droga final* ou de *a última letra no alfabeto das drogas*.

E assim, enquanto sobe a escadinha, ela desfruta de uma quase perfeita e plena liberdade. Por um leve momento seus pés são passarinho voejando sob o sol da tarde, borboleta, uma folha ao vento, feliz poeira de estrelas. Mas o fim da escada não é o paraíso, só o começo da ladeira.

Liana respira um pouco e decide dar mais um tempo ali, esperar a onda passar. Mas a sensação do tubinho cheio de hóstias enfiado no sutiã a faz mudar de ideia. Ela vai subindo a ladeira bem devagarzinho, a apreensão crescendo a cada passo. Para um pouco antes da soleira da porta do cafofo. Fica um tempo ali, escutando. Então espia por uma das brocas na parede.

Tal como suspeitava, o playboy ainda está lá dentro. Pelo visto, Tio Biu falhou em convencê-lo a vazar. O velho Mandrá é que está de volta. Sentado em sua pedra, ao lado do playboy, ele puxa conversa, contando seus causos, tentando descolar algum trocado.

Galego Miguel parece ter acabado de acordar. Com um ar desconfiado, observa a conversa de Mandrá com o playboy. Mesmo sem conseguir entender muita coisa do que o velho diz, o sarará também espera tirar algum proveito daquela visita inesperada.

Deitada ao lado de Galego em cima de tiras rasgadas de papelão, no canto mais escuro do cafofo, Samara ainda dorme. Apesar de ser um ou dois anos mais nova que Liana, Samara está bem acabada. Ela já não era mais um bebezê quando entrou para a família, segurando a mão de

Galego Miguel. O amor dos dois começou assim, o triste e feio amor dos cheirosos: os dois fumando hóstias no mesmo cachimbo.

Liana detesta o cheiro da hóstia queimada. O cafofo inteiro exala esse fedor. Está impregnado nas paredes. Mas ela nunca comenta o assunto. Tio Biu também não reclama; e nem poderia, sendo ele mesmo um cheiroso dos brabos. E quanto a Mandrá, esse vive em um mundo só dele.

Coisa estranha, o playboy parece não se incomodar com o cheiro. Ele usa um moletom caro, de marca, rasgado nos ombros para exibir a tatuagem. Para mostrar que é malandro, que já viu o mundo, que conhece o mal. Está vestindo também umas calças folgadas, dessas cheias de bolsos, que combinam bem com os coturnos. Um autêntico explorador de safáris urbanos, o típico universitário riquinho e filhinho de papai. A não ser pela cabeça, muito redonda e um pouco grande demais para o corpo. Sua presença limpa e cheirando a colônia cara quase brilha em meio à sujeidade do ambiente.

Ó, vacilo! Liana ficou tempo demais encarando o plêiba, e ele acaba flagrando o seu olhar pela broca. Ela não vê uma saída melhor além de se mostrar.

Tio Biu levanta de um salto e avança, todo serelepe:

– Lica! Ainda bem! Você conseguiu escapar. Os lobos esculacharam muito você, meu bebezinho? Fiquei me sentindo mal, com a consciência pesada, por ter mandado você nessa missão, justo no dia de seu níver. Mas que bom que você escapou! Essa foi por pouco.

Tio Biu desperdiça energia piscando o olho desse jeito.

– Não diga nada, bebê. Já ficamos sabendo de tudo. Como você estava demorando, fui dar um rolé porta afora para sondar a barra. Daí a rapaziada me contou que a polícia garfou você logo na saída da escadinha. Que lhe deram um baculejo e levaram tudo. Tudinho.

Ele dá uma última piscadela, demorada e dramática, antes de voltar-se novamente na direção do playboy.

– Eu até apostei com nosso amigo aqui que você não voltava mais hoje, que nem adiantava ficar esperando. Mas ele insistiu em ficar. E não é que estava certo? E que bom que eu estava errado, Liquinha! Que bom que os lobos soltaram você logo.

O velho Mandrá olha para ela com as sobrancelhas crispadas, em tensa expectativa. O playboy continua sentado perto da parede, em cima da lata de tinta emborcada. Liana não precisa olhar para saber que ele não está comendo nada dessa história. Mas ela não tem outro jeito a não ser seguir com o teatro.

– Foi como Tio Biu disse – Liana afirma, com os olhos postos no chão. – Os lobos me apanharam na escadinha. Me deram uns catiripapos, mas me deixaram ir.

Ainda sem ousar olhar para o playboy, ela murmura:

– Os tiras levaram sua massa toda. Me desculpe.

O chefe da família a conduz pelo braço, paternal, como se ela estivesse prestes a desmaiar.

– Sente-se, minha filha. Descanse um pouco, você merece.

Liana sente o olhar do playboy fixo nela. Quando não suporta mais, resolve encarar de volta. A cara que ele faz a deixa sem graça. Não exhibe ira, nem intenções hostis. Está mais para uma cara de preocupação. Por ela.

– Está tudo bem com você?

Então o playboy acabou acreditando na encenação! Ela sente uma pontada de remorso, em meio ao sentimento maior de alívio.

– Sim. Tudo bem, eu acho – balbucia, sorrindo tristemente em agradecimento.

– Espero que a polícia não tenha te machucado.

– Já estou acostumada.

– E como foi que conseguiu escapar?

Só que não. Agora ela consegue notar o brilho desconfiado no olhar dele, por detrás da fachada de coruja consternada. O playboy não é tão otário assim. Ele sacou o teatro de Tio Bui, mas prefere fingir que está acreditando. Liana decide fazer a vontade dele. Representar é com ela mesma.

– Eles me deixaram ir. Em troca de alguns favores especiais. Se é que você me entende.

Para sua própria surpresa, Liana percebe que está enrubescendo. Ela se pergunta se sentiria essa mesma vergonha se tivesse realmente feito o que está sugerindo que fez.

– Sinto muito.

– Deixa pra lá. Esquece isso. Eu também sinto muito por não poder trazer sua massa. De verdade.

– Então, nada de maconha.

– Pois é. A polícia ficou com tudo.

– E meu dinheiro?

– Ué, usei para comprar a maconha. Não entendeu? Foi quando eu estava voltando que a polícia me pegou. Eu já estava com a massa na mão, foi por isso que rodei na mão dos lobos.

– Estou falando do dinheiro do avião. A grana que dei para vocês pegarem a maconha para mim.

– Poxa, gato, se eu pudesse te devolvia essa grana agora mesmo. Mas usei para comprar hóstias. E o pior é que ficou tudo com os tiras.

Tio Biu decide intervir:

– Ô companheiro, não ouviu quando expliquei isso tudo pra você agora mesmo? Não era para acontecer, mas aconteceu. Não foi culpa de ninguém. É caso encerrado. Foi ruim pra você, que perdeu a grana. Mas foi pior pra Lica, que sofreu, e não foi pouco, para não perder a liberdade.

A atuação de Tio Biu até que não é das piores, considerando que só de ouvir Liana falar em hóstias já ficou todo se coçando. É admirável o seu esforço em seguir com a encenação, mesmo nessa faiúla braba. Mas é esforço inútil, viagem sem balde. O playboy nem presta atenção em seu teatro, pois ficou vidrado na mesma palavra que deixou Tio Biu com comichões.

– *Hóstias?* Você disse *bóstias*?

Liana apenas acena com a cabeça, sem entender a princípio.

– Mas então...

Quando os olhos por detrás das grossas lentes se enchem de assombro, dessa vez sem o menor fingimento, Liana compreende. E não somente ela. Tio Biu avança, com um dedo esquelético em riste:

– Quer dizer então que o playboy ainda não tinha sacado que está no meio de um bando de viciados em Z! É isso mesmo, somos zumbis, sim. Qual foi?

O playboy se assusta e quase cai de cima da lata de tinta. Mas se levanta de um salto, com inesperada agilidade. Ao se fixar sobre Tio Biu, causa do susto e de outros tantos infortúnios, seu olhar de coruja torna-se malvado:

– Você me enganou. Quero meu dinheiro de volta.

– Ah, é? E o que é que você vai fazer?

Tio Biu cutuca o peito do outro com a ponta do dedo. O playboy se encolhe, mas não é de dor. Ele não consegue disfarçar a aversão que o contato lhe causa agora que sabe que Tio Biu é um zumbi.

– Ficou com nojinho, foi?

Aquela reação deixa o líder da família enfurecido. Ele cutuca o playboy várias vezes, agora com força.

– Fala pra mim, parceiro. Você está quase se borrando, não é? Vir parar, assim, em um antro de zumbis! Não está com medo de levar uma mordida? De que a gente queira comer o seu cérebro?

– Tira a mão de mim.

Tio Biu não esperava levar o tapão no peito, que o joga dois passos para trás. O playboy também parece possesso.

– Quero o meu dinheiro já, ouviu?

Liana toma a frente.

– Senão vai fazer o quê? Bater em nós todos?

Sua voz soa clara e firme, voz de comando. Por isso mesmo ela imediatamente se arrepende dessas palavras, pelo efeito que provocam no restante da família.

Galego Miguel ostensivamente enfia a mão por debaixo da camisa. Pisa de leve em Samara, para que ela também se levante. Tio Biu parece refeito do tapa e encara o *playboy* com sangue nos olhos. Até mesmo Mandrá está alerta e muito sério. O velho foi contramestre de capoeira e ainda está razoavelmente em forma, apesar da idade. Ele até vinha tentando ensinar a antiga arte das pernas para Liana e, pelo pouco que aprendeu, ela não tem a menor dúvida de que Mandrá sozinho e sem as mãos daria conta de qualquer *playboy* em dois tempos. Difícil é ele querer descer do mundo da Lua para entrar em uma briga.

– Vou dar queixa de vocês. Posso denunciar todo mundo aqui à polícia.

Tio Biu solta uma gargalhada. O som lembra o cacarejo de um galo rouco.

– Essa eu quero ver. Até vou junto, só para assistir. Vai dizer o que para os lobos, *playboy*? Que não entreguei sua maconha?

– Digo que vocês me roubaram, que me ameaçaram com uma faca. Vai ser a minha palavra contra a de vocês.

– Uma faca desse jeito?

O sarará sorri de um jeito malévolo e agita a lâmina no ar, ameaçadoramente. Mas a sua mão treme e seu olhar mostra bem o quanto ele mesmo está apavorado. Galego Miguel não virou assaltante por vocação. Tinha outra profissão antes de se viciar em Z.

De todo modo, sua atuação é mais do que convincente. O *playboy* recua um passo. Os olhos de coruja, arregalados, já procuram a direção da porta. Liana está quase sorrindo de alívio.

Só que não. Tio Biu cresce o olho outra vez:

– Bonito relógio. É um *Rolex*?

– Tira essa mão!

Tio Biu desvia com facilidade do mata-cachorro desferido às cegas, no pânico. Quem não desvia é Samara, que está logo atrás. O *playboy* nem bate com tanta força, é um golpe de canhota, de reflexo. Só que a pulseira de metal do relógio acerta em cheio o supercílio de Samara, abrindo um talho feio. Ela desaba no chão com o impacto e lá fica, deitada de costas, fazendo pequenos movimentos erráticos com os braços e pernas.

– Samara!

Liana corre até a amiga caída. O sangue jorra em abundância do ferimento, lardo e espesso. É um sangue negro como a noite. Liana recua, estarrecida. Então ela diz, procurando Galego Miguel com o olhar:

– Você sabia disso?

O sarará não está ouvindo. Com três passos rápidos ele corta a distância que o separa do playboy. E crava o estilete no abdômen, com vontade. A lâmina penetra na altura do fígado e rasga fundo antes de ser violentamente puxada para fora.

– Seu bicha!

O playboy leva as mãos à barriga. O sangue que pinga da faca de Galego Miguel é o mesmo que transborda por entre seus dedos crispados, empapando o moletom. É um sangue escuro, mas bem vermelho. Não é preto como o de Samara. Ele cai de joelhos no chão. Parece estar tentando dizer algo, porém o ar lhe falta. Sua boca se mexe sem no entanto emitir qualquer som. Liana acredita que consegue ler nos lábios dele as seguintes palavras:

– Não queria machucar a menina.

Ele tomba para a frente, lentamente, quase em câmera lenta. A cabeça redonda bate no chão primeiro, fazendo um barulho imenso. O playboy ainda faz uma patética tentativa de se levantar, ou ao menos virar de lado. Fica caído de bruços, se estrebuchando, a poucos passos de Samara. Ela parece mais desperta com o baque.

– Iâa? Ô um oum.

Samara ergue a cabeça o suficiente para fitar a amiga com seus olhos de criança abortada, que eram tão bonitos até outro dia. A voz fanhosa provoca um calafrio em Liana. Ela se sente hipócrita por ter colocado sobre os ombros de Galego a responsabilidade de notar a condição de Samara, pois vinha percebendo os sinais há muito tempo. Uma longa lista de pequenas mudanças no comportamento, na aparência e até no jeito de falar. Ela notou, mas não queria pensar no assunto. Preferiu ignorar. E assim foi se acostumando, como o resto da família, ao jeito cada vez mais estranho de Samara. A ponto de entender perfeitamente as palavras que ela balbucia, que para alguém de fora não passariam de sons incomprensíveis:

– *Liana? Estou com fome* – Samara nunca chamou a amiga por seu nome de guerra.

O olhar de Liana fica vagando entre Samara e o playboy, os dois caídos a seus pés. Galego Miguel olha para a mesma cena. Continua apontando a faca, inutilmente, na direção de sua vítima estendida no chão:

– Levanta para você ver uma coisa.

E então Liana vê Tio Biu parado de cara para a parede, de cabeça baixa, coçando a careca por debaixo do boné.

– Mas que porra, Tio Biu.

Liana sente a voz ficar embargada e não prossegue na bronca que queria lhe dar. E ele não desperdiça a oportunidade:

– Lica, você bem que podia liberar uma dose pra geral. Porque a fome é feia, família. E a cada momento fica pior.

Ela enfia a mão por dentro do sutiã, pega o tubo com as hóstias e o arremessa com desprezo:

– Toma, Tio Biu. Enfia no cu.

Mandrá se aproxima, solícito, abrindo os braços. Ela concorda em apoiar a cabeça no peito do velho e logo começa a chorar, a princípio timidamente.

Samara escuta. Seus olhos, contudo, estão fixos no corpo caído à sua frente. O playboy ainda faz pequenos movimentos com os pés e os ombros, como se estivesse tentando nadar na poça vermelha debaixo dele. O cheiro do sangue perturba Samara. Ela está se levantando quando sua mão resvala em algo. É a pedra achatada que Mandrá usa para se sentar. Samara a apalpa com as duas mãos. É pesada, mas consegue levantá-la. Com mais um esforço, ergue a pedra acima da cabeça. E então se joga com tudo para cima do playboy. O choro de Liana é interrompido de súbito por um ruído alto e desagradável. Um som ao mesmo tempo crocante e úmido.

Impulsionada pelo peso de Samara, a pedra desce com força sobre o crânio do playboy. O osso parietal é partido nesse primeiro impacto, gerando o estalido característico. Mas ela não se satisfaz e continua golpeando, golpeando, até abrir um grande buraco na cabeça do playboy. Um buraco grande o suficiente para passar a mão.

Samara enfia o primeiro bocado na boca. Depois de algum tempo, percebe que está sendo observada. E só então repara em Liana, de pé e imóvel à sua frente. Ela fita a amiga por um momento, com sangues vermelho e negro misturados no rosto. A boca se abre em um sorriso infantil, revelando nacos de cérebro semimastigados. Ela estende para Liana a palma da mão em concha, com um presente de miolos frescos e lascas de osso.

– *Êiz aieb aio, iâa* – diz Samara.

Há menos de um ano, a voz de Samara era muito bonita. Agora está irreconhecível. Mas Liana ainda entende o que a amiga quer dizer:

– *Feliz aniversário, Liana!*

Capítulo II

É A MINHA ENXAQUECA, SABE?



** Onde caminhamos pelo calçadão na praia antes de assistir à performance de Liana no Cinema Orxxx.*

** Da tragédia na Fazenda Ômega.*

** O que é mais sexy para um ogro: gárgulas ou vermes do pântano?*

** E Liana ainda tem uma conversa ou outra com o seu chefe múmia.*

“A cópula não é mais indecente para mim do que a morte.”

Walt Whitman

Liana sai correndo porta afora. Ao invés de descer para a favela, segue no sentido oposto, na direção da cidade. Só se detém quando chega ao poste da esquina, sem fôlego. Ela está no cruzamento com a rua principal.

A inalterável e chocante realidade do que acaba de ocorrer começa a penetrar em sua consciência. Ela sente as pernas fracas e precisa se apoiar no poste para não cair. Um pensamento gira, obsessivo, em sua mente. Liana pensa na história dos zumbis da Fazenda Ômega. Até o dia de hoje ela conseguiu se convencer de que tudo não passava de lenda urbana. Mas agora não é mais possível. De todos os horrores, esse é o maior: a perda final das ilusões.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 2,36 x 10⁻²³

FAZENDA ÔMEGA

O caso da Fazenda Ômega foi o primeiro e um dos mais sangrentos episódios de ataques de zumbis ocorridos desde então. Aconteceu em uma casa de reabilitação bem na periferia da cidade. A Fazenda Ômega, como era chamada, foi fundada pelas Irmãs Bondade e destinava-se à recuperação de narcodependentes.

Um grupo de catorze usuários de Z foi admitido na fazenda, em caráter experimental. Eram todos “voluntários”, internados à força pelas famílias em desespero mediante o depósito de vultosa quantia, a título de “taxa de internação”. *Os catorze zumbis*: poderia ser o nome de uma banda de rock, ou de um desenho animado. Com menos de uma semana de internação na Fazenda Ômega, bem que acabaram ficando famosos.

O pequeno grupo que está esperando no sinal olha para Liana com suspeita. Uma múmia matrona, enfiada em uma apertada malha de academia, puxa para junto de si o menino com um uniforme escolar, que ela traz seguro pela mão.

Isso aconteceu logo no início da epidemia dos zumbis, quando ninguém sabia ainda muita coisa a respeito da nova droga Z. Foi o que acabou ocasionando a tragédia. Ainda se ignorava que a dependência de Z não pode ser tratada de forma convencional.

O pressuposto básico em qualquer tratamento de dependentes químicos é a inacessibilidade da droga. É por isso que a maioria das clínicas de recuperação fica em

locais longínquos, fora de mão. Todos os demais internos da Fazenda Ômega, usuários de crack, cocaína, heroína, metadona, krokodil – e até mesmo um playboy maconheiro, internado pelos pais por plantar umas mudinhas em casa – sabiam que não havia um miligrama de droga disponível nas cercanias.

Já com os usuários de Z, como logo ficaria evidente, a coisa não é bem assim. Eles são dependentes não apenas do misterioso composto Z, mas também de adrenalina, serotonina e dopamina, três substâncias muito presentes no cérebro humano. Os catorze zumbis internados na Fazenda Ômega dificilmente tiveram acesso a essa informação, uma vez que somente *depois* de episódios como o ocorrido lá é que a composição das hóstias passou a ser amplamente divulgada pela imprensa. Mas de alguma forma eles simplesmente sabiam o que precisava ser feito.

Liana só percebe o vômito chegando quando é tarde demais. O jato quente e ácido força a passagem pela boca e pelas narinas. Ela apenas tem tempo de virar a cabeça para o lado, em uma tentativa de evitar que respingue em alguém.

Do primeiro ao terceiro dia, os zumbis da Fazenda Ômega foram mantidos em um estado semicomatoso induzido por drogas. No quarto dia a medicação foi reduzida e os pacientes foram integrados ao grupo dos outros internos. No quinto dia os problemas começaram.

A primeira vítima foi um dos próprios zumbis, o mais velho e fraco dentre eles. Os outros o pegaram pelos braços e pernas e arremessaram sua cabeça contra uma parede repetidas vezes, até que a caixa de ossos se partiu e os miolos pularam para fora. Foi a primeira vez que isso aconteceu, ao menos que se tenha notícia. Os zumbis provaram a droga diretamente do cérebro humano. Provaram e aprovaram.

A múmia quarentona solta uma exclamação de nojo e revolta, que mantém inalterada a fixidez de seu rosto de múmia, tornado inexpressivo à custa de muitas cirurgias e tratamentos. Os carros param no sinal e os pedestres começam a atravessar a rua. A criança pergunta:

– Mumi, o que a moça tem? Ela está morrendo?

A resposta da mãe é ríspida. Liana chega a ouvir o braço do menino sendo puxado com força, para obrigá-lo a andar mais rápido.

– Que morrendo! Isso é descaração, isso sim!

Quis o destino que a segunda vítima, abatida de forma semelhante, fosse uma funcionária da fazenda que estava de posse de um molho de chaves. E foi assim que os zumbis, agora reduzidos a treze, conseguiram ter acesso às dependências da cozinha e às facas lá guardadas.

O que eles fizeram a seguir é que se tornou matéria de lenda. A confusão só terminou quando a polícia invadiu a fazenda, que a essa altura já estava quase toda tomada pelo fogo, que ninguém nunca descobriu como começou. Todos os zumbis remanescentes foram abatidos a tiros. A contagem de suas vítimas chegou a 35, entre irmãos da ordem, funcionários da fazenda e outros internos.

Liana está fraca demais para mandar mãe e filho para onde ela acha que devem ir. Escorando-se no poste, de cabeça baixa, sente-se o alvo de todos os olhares. Esforça-se para ficar ereta novamente. Para expulsar o enjoo e a tontura, obriga-se a prestar atenção no colorido outdoor à sua frente, do outro lado da rua. A montagem fotográfica mostra três pares heterogêneos olhando convidativamente para a câmera: um homem negro e musculoso e uma mulher morena de seios enormes, uma menina loira usando um vestidinho curto e um menino japonês usando um quimono, um cão pastor alemão e uma égua de raça. Liana já viu esse anúncio centenas de vezes antes, ao passar por ali, mas hoje ela faz força para se concentrar em cada palavra escrita:

Quem você quer ser? Com quem você quer fazer?

AKASHA HOT

O prazer não tem limites!

O subterfúgio obtém algum êxito. Ela ao menos consegue respirar um pouco melhor. E pensar naquela oferta de sexo virtual multissensorial, que sempre provocou sua indignação por envolver crianças e animais, mesmo que em simulações de computador, a ajuda a esquecer pelo momento todo o horror que acaba de acontecer. É preciso seguir em frente.

Ela se solta do poste, ensaia alguns passos. Ganha confiança aos poucos, no ritmo da caminhada, enquanto vai arejando a mente. Então começa a considerar o rumo a seguir. Ela só terá compromisso no começo da noite. Liana dança de segunda a sexta na primeira sessão noturna do Cinema Orxxx. Do cafofo até o cinema é uma caminhada que ela costuma fazer em pouco mais de meia hora, se estiver com disposição.

Logo adiante, no canteiro que separa os dois sentidos da pista, o relógio digital marca 16:03. Há tempo de sobra. A essa altura ela sequer cogita colocar seu plano original em prática,

de esmolar para garantir algumas hóstias. Dá mais trabalho e exige bem mais energia pedir dinheiro na rua do que a maioria das pessoas imagina.

Como nenhuma outra ideia melhor lhe ocorre, Liana segue na direção do cinema. Decide fazer o caminho mais comprido e ir pela orla marítima. Ela passa sem ver pelo velho cenário de sempre: esquinas, ruas de mão única e dupla, becos que levam a outros lugares, um beco sem saída, a pracinha, edifícios residenciais e comerciais, lojas diversas, um supermercado, restaurantes, um edifício-garagem, uma escola infantil, uma escola pública, academias de musculação, pet shop, delicatessen e até mesmo uma biblioteca. Finalmente chega à esquina que dá para a praia. Dali é só seguir o calçadão da orla até um pouco depois da primeira curva. O Cinema Orxxx fica em uma rua transversal a duas quadras do mar.

Ao pisar na orla, entretanto, Liana percebe que cometeu um erro de cálculo. Ela esperava acompanhar o pôr do sol enquanto caminha pela praia. Contudo o sol se põe do outro lado, por detrás dos prédios. Isso faz com que escureça primeiro do lado da praia, ensombrecendo o crepúsculo à beira-mar com um cinza pesado e melancólico, quebrado apenas pelas luzes coloridas do dirigível Akasha. Ela se sente estúpida por não ter se ligado que o sol se põe na direção contrária. Afinal já cansou de ver o sol nascer dali mesmo da calçada, onde ela faz ponto quase todas as noites. E onde acabará vindo parar logo mais, depois que terminar a dança no Cinema Orxxx.

Essa pequena frustração é a gota d'água. Liana chora abertamente, agora sem nenhum pudor. Ela chora pelo rapaz que perdeu a vida de forma tão vil e cuja morte ela involuntariamente ajudou a causar. Chora por Samara, para sempre perdida, condenada a uma vida de trevas piores que a morte. Liana chora por si mesma. Chora por um mundo onde pessoas ganham dinheiro com uma droga maldita como a Z.

Não há quase ninguém no calçadão nessa hora tão indefinida. Ela caminha o mais devagar que consegue, só para não ter que parar. Passa por alguns poucos banhistas retardatários, outros tantos corredores passam por ela. Alguns carros buzina para a menina de shortinho e belas pernas. Mas ninguém chega a reparar que ela está chorando.

Chorar assim de vez em quando é bom, mas também cansa. Liana enxuga as lágrimas, assoa o nariz na camiseta e aproveita para enfiar a mão dentro do sutiã, onde ela guarda seus achados e pertences. Então ela lembra que Tio Biu ficou com o seu tubinho de hóstias, e sente muita raiva.

O que ela retira do sutiã é metade de um pacote de biscoitos recheados. Pega um biscoito e dá dentadas miúdas, obrigando-se a ignorar os enguios até comer o biscoito inteiro. E depois mais outro. Então guarda o pacote de volta.

Tudo em Liana está retardando a marcha, diminuindo o andamento, querendo segurar o tempo com os calcanhares. Ela sabe o que vem em seguida: o primeiro espasmo da ânsia.

Um carro de polícia passa zunindo a toda na pista. Liana estremece com o susto e faz o possível para continuar andando no mesmo ritmo. Vai que eles fiquem espiando pelo retrovisor. Só então ocorre a ela que os policiais são especialmente perigosos durante o crepúsculo. Nos instantes imediatamente antes e após a transformação do dia em noite, quando se sentem mais vulneráveis, os lobisomens são capazes de cometer as piores barbaridades diante da menor provocação.

Ela aperta o passo, agora com pressa de chegar ao cinema. Só que a ânsia chega antes. O primeiro espasmo quase dobra Liana ao meio. Ela continua caminhando. Finalmente chega a curva da praia e logo depois um ponto bom para atravessar a pista. Liana está tremendo e suando frio com os espasmos. Anda penosamente ao longo da primeira quadra, com seus bares, lanchonetes e vitrines de lojas ocupando o andar térreo de prédios antigos e sisudos. Ao dobrar a esquina ela retoma o trecho que costuma fazer quando vem direto do cafofo.

O Cinema Orxxx é um prédio velho e decadente, espremido entre uma farmácia e uma loja de sapatos. O antiquado letreiro ostenta permanentemente os dizeres:

2 FILMES DE SEXO EXPLÍCITO STRIPTEASE AO VIVO COM LINDAS MULHERES

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,45 x 10⁻¹⁸

CINEMA ORXXX

Em seus áureos tempos, o prédio abrigava um teatro de revista muito afamado, frequentado por eminentes políticos e pelas celebridades da época. O primeiro sopro da decadência foi a transformação do teatro no Cinema Orquestra, que teve uma longa e não tão próspera vida, principalmente no final. Quando fechou as portas, a penúria prolongada era visível a partir do próprio letreiro com o nome do cinema, cuja parte final tinha desabado durante uma noite de tempestade, havia muitos anos, sem que ninguém tivesse se dado ao trabalho de consertar. E foi assim que a casa ficou conhecida durante a maior parte de sua existência simplesmente como CINEMA ORQ.

O desmazelo não impediu que a fachada do cinema fosse tombada como patrimônio histórico, devido à sua antiguidade e à representatividade de seu estilo arquitetônico. Isso para infortúnio dos proprietários do imóvel, que depois que o cinema foi fechado passaram anos em uma batalha judicial, finalmente perdida, tentando derrubar o

tombamento. Foi só o que salvou o cinema de virar uma igreja evangélica, destino de tantos outros. Nesse meio tempo um dos donos do imóvel faleceu, gerando uma nova disputa, dessa vez entre os herdeiros, emaranhados em um inventário que até hoje se arrasta na justiça.

Os sócios restantes, de posse de tamanho elefante branco, optaram pela criatividade. Nem muito dinheiro nem interesse havia para investir no imóvel. Fizeram, portanto, apenas os reparos indispensáveis, sem os quais os fiscais do município não aceitariam suborno, e reabriram a casa como Cinema Orxxx.

A nota criativa foi os donos terem desistido completamente de qualquer tentativa de refinamento. Ao contrário, apostaram na própria decadência, investindo em um público até então negligenciado naquele bairro nobre com vista para o mar: as fileiras de ogros que trabalham nas cercanias, geralmente em serviços braçais mal remunerados.

É claro que essa inovação não foi nem um pouco bem-vista pelos demais proprietários da região. A grita foi geral. O motivo alegado foi o escandaloso mau gosto da coisa em si: transformar um patrimônio histórico em cinema pornô para ogros. Mas o verdadeiro motivo, que ninguém ignorava, era que a novidade do Cinema Orxxx, com a sua infectante decadência, ameaçava desvalorizar os caríssimos imóveis da área.

Atualmente os donos do cinema continuam enfrentando novos e custosos embates na Justiça. É opinião de todos, tanto dos funcionários da casa quanto da população em geral, que mais dia menos dia o Cinema Orxxx fechará definitivamente as portas. Enquanto isso, continua funcionando de segunda a sexta, com sessões duplas todas as noites.

Falta mais de uma hora para a primeira sessão, mas alguns ogros já fazem fila para comprar seus ingressos. Liana passa o mais longe possível dela. Mesmo assim, ouve os inevitáveis grunhidos de apreciação, sobretudo quando ela se dirige para a entrada do cinema.

– Olá, seu Cristóvão.

– Boa noite, Lica – responde o porteiro, liberando o acesso. Cristóvão é o funcionário mais antigo da casa, um sapo velhinho e encarquilhado, com um pé e meio na cova. Fez um pouco de tudo na vida antes de ser acometido pelo Mal de Circe e se tornar porteiro, ainda nos tempos do Cinema Orq, logo depois que foi aprovada a lei dos direitos circenses. Os olhões anfíbios demonstram preocupação. – Está tudo bem, minha filha? Você está me parecendo um pouco abatida.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,02 x 10⁻¹⁴

MAL DE CIRCE

Mal de Circe é o nome dado à condição ou enfermidade que faz a pessoa regredir à sua natureza mais primitiva e bestial. *Circense* é o termo popular para se referir à pessoa afligida por esse mal.

– Está tudo bem, seu Cristóvão. É só um pouco de dor de cabeça, já vai passar – E então, em outro tom: – Escute, seu Natanael já chegou?

– Sim, acho que ele está em seu escritório. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Liana fica irritada com a curiosidade do outro, mas releva. O porteiro Cristóvão é o único, dentre todos os funcionários do cinema, por quem Liana sente algum afeto genuíno. É por isso que mesmo com a ânsia apertando a sua mente ela ainda tenta sorrir, para tranquilizar o sapo velho.

– Não aconteceu nada, seu Cristóvão. Fique tranquilo. Vou indo lá, ok? Tchau.

O escritório do gerente fica ao lado da *bonbonnière*, protegido por uma porta que é mantida permanentemente fechada, onde está afixada uma placa com os dizeres:

SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO

Liana dá duas batidas discretas na porta. Sem esperar resposta, gira a maçaneta.

– Seu Natanael?

Ela enfia a cabeça pela fresta da porta para espiar. O gerente do Cinema Orxxx está sentado diante de sua mesa, com os olhos fixos na tela do computador. É uma múmia de meia idade, alta e magra, com tufo de pelos mortos grudados na pele ao redor dos lábios murchos. Quando Liana já pensa em chamar o nome dele mais uma vez, o gerente finalmente ergue os olhos da tela. Seu olhar é frio e inexpressivo.

– Pode entrar – ele diz, com uma voz áspera, destituída de emoção.

– Seu Natanael, boa noite – diz Liana, fechando a porta atrás de si e avançando até ficar diante dele.

O gerente não responde ao cumprimento, nem a convida para se sentar. Limita-se a ficar olhando para ela, esperando. Liana aperta uma mão na outra nervosamente. Ela precisa dizer alguma coisa.

– É que hoje acordei muito indisposta, sabe? É a minha enxaqueca.

Só até aí dura a paciência de Natanael. Ele interrompe Liana, incisivo:

– Você está doente? Se não pode dançar hoje, veio para quê?

Liana se apressa a esclarecer, submissa:

– Não é isso. Eu vou dançar. Só preciso comprar um remédio para minha enxaqueca, entende? E estou sem nenhum agora.

Ele fica olhando para ela por alguns instantes e por fim retruca:

– Sim, e daí?

Liana já sente que não vai rolar. Mesmo assim, ela persiste.

– Daí eu pensei se o senhor poderia adiantar o pagamento de minha dança hoje. Para eu poder comprar o remédio e dançar bem, sem enxaqueca.

A expressão do gerente continua impassível:

– Você dança, você recebe. Antes de dançar, você não recebe – ele diz. Após refletir um pouco, acrescenta: – Se dançar mal, se o público não gostar, também não recebe. Entendeu?

E Liana ainda tem que abaixar a cabeça e dizer:

– Entendi, sim. Agradeço por ter me recebido. Boa noite.

Ela tem outro espasmo violento assim que sai do escritório. A ânsia é tão forte, que Liana precisa se firmar na maçaneta. Os mesmos ogros que estavam na fila lá fora agora compram pipocas na *bonbonnière*. Um deles vê Liana curvada, paralisada pelo espasmo, segurando a barriga com uma das mãos e a maçaneta da porta com a outra. Ele arregala seus olhinhos porcos e mostra a insólita cena para os outros. Depois de risos e grunhidos, o que viu Liana primeiro resolve se aventurar:

– Se for prisão de ventre, conte com minha ajuda, viu, princesa? Nada que uma boa catucada não resolva...

Os risos transformam-se em gargalhadas grotescas, que soam como os guinchos de um porco sendo castrado.

Liana consegue se endireitar. Coloca no rosto a armadura de um sorriso falso e segue direto para a parte dos fundos do cinema, onde fica o camarim. Se os babacas estivessem na rua, no mínimo ela mandaria o dedo. Ela detesta os ogros, com seus chifres medonhos, seu comportamento rude e sua eterna catinga. Na opinião dela, não passam de uns fodidos, mão de obra barata que gasta tudo o que ganha com cachaça. Mas dentro do cinema eles são clientes.

A porta que dá acesso ao camarim exibe uma placa idêntica à do escritório do gerente. Liana bate duas vezes. Dessa vez ela espera a resposta, pois sabe que a porta está trancada.

– Quem é? – indaga uma voz feminina do outro lado.

– Raquel, sou eu.

A mulher que abre a porta está enrolada em uma toalha. Tem quase o dobro da idade de Liana. As duas se cumprimentam com breves acenos de cabeça.

– Chegou cedo hoje.

O camarim é uma sala estreita, com a bancada de um lado, para as meninas se maquiarem, e do outro um cabideiro com os diversos itens de vestuário que elas colocam para tirar durante o show. Sobre a bancada estão os parques acessórios de maquiagem disponibilizados pela casa. Afixado na parede há um grande espelho esverdeado de limo, que deve estar ali desde a construção do prédio. Na parede oposta à porta de acesso ao camarim fica o banheiro.

– Você já terminou? – Liana pergunta, apontando para a porta entreaberta do banheiro.

– Sim. É todo seu – responde Raquel, sem olhar para ela, ocupada escolhendo as roupas e acessórios para a sua apresentação.

A relação de Raquel com Liana não chega a ser ruim. É que as duas nada têm em comum, além da profissão. Raquel não está na vida para sustentar o vício, e sim os dois filhos em idade escolar.

Liana segue direto para o banheiro do camarim. Ao se trancar lá dentro, em seu *sanitário santuário*, todas as armaduras se dissolvem instantaneamente. Ela se joga no chão, em posição fetal, entregue às agruras da ânsia.

Aquele banheiro exclusivo, com sua privada funcionando e até um chuveiro com água quente, é o grande motivo para Liana dançar no Cinema Orxxx. O que Natanael paga por dança é uma ninharia. Liana poderia ganhar mais se utilizasse esse tempo fazendo programas. Mas o usufruto do vaso e do chuveiro é um benefício valioso, sem contar que ela também pode usar o ensebado *kit* de maquiagem na bancada.

Nos finais de semana, Liana fica praticamente em tempo integral numa casa de massagem a alguns quarteirões do cinema. Lá eles pagam um pouco mais pelas danças, e ela faz programas também. Por outro lado, cobram por tudo o que as meninas usam, inclusive água e sanitário. No fim dá no mesmo: são apenas formas diferentes de exploração.

Alguns tempos se passa até que batidas a arrancam de seu transe agônico. Mas não é na porta do banheiro que batem. É na porta do camarim. Liana ouve as vozes de Priscila, que acaba de chegar, e de Raquel, apenas alguns poucos monossílabos trocados entre as duas.

A relação de Raquel com Priscila não é muito melhor que com Liana, basicamente pelos mesmos motivos. Já a relação de Priscila com Liana é que não poderia ser pior, pelo motivo oposto: as duas têm muito em comum. São parecidas demais. Não fisicamente, é claro. Do contrário não estariam se apresentando juntas no mesmo espetáculo de striptease. A variedade, afinal, é o tempero do desejo. Priscila é mais baixa, mais amorenada e mais cheinha de corpo que Liana. Mas em todo o resto as duas são bem semelhantes. Priscila também é uma bebezê.

Também se prostitui à noite na orla. Às vezes as duas chegam a disputar clientes na mesma calçada.

É melhor se apressar. Com um supremo esforço, Liana se coloca de pé e se desfaz das roupas antes de entrar no banho. A chuveirada quente e forte a princípio provoca aflição ao bater na pele, tornada hipersensível pela ânsia. Aos poucos, contudo, o corpo vai se acostumando à temperatura e ao relaxante jorro da água.

Debaixo do chuveiro, é improvável que Liana tenha escutado a porta do camarim sendo aberta e fechada novamente. O número de Raquel vai começar. Ela segue para a coxia, devidamente paramentada com a indumentária – ou falta dela – de sua personagem: *Pâmela Xexotão*. Raquel faz um número cômico-erótico, ou *comicozinho*, como ela gosta de chamar, que vem fazendo bastante sucesso entre os ogros. É opinião de todos que muito em breve Raquel terá sua chance na segunda sessão, que atrai um público maior e, conseqüentemente, paga um cachê um pouco melhor.

Mais alguns minutos se passam. Liana é abruptamente retirada de seu entorpecimento quente e molhado por batidas insistentes na porta do banheiro.

– Liana – grita a voz irritada de Priscila. – Morreu aí dentro, foi? É a sua vez no palco agora.

– Já estou indo – ela consegue gritar em resposta, desligando o chuveiro de um golpe. E então, ao primeiro passo que dá para fora do chuveiro, sua vista escurece. Suas pernas estão bambas e a respiração, ofegante.

Como vai conseguir dançar assim? Ela avança, trêmula, até uma pequena estante afixada na parede ao lado do chuveiro, onde repousa uma pilha de toalhas limpas, substituídas diariamente. Esse tem sido indisputavelmente o momento favorito do dia de Liana, quando ela se enxuga com uma toalha limpa após um bom banho quente. Hoje, no entanto, não dá para desfrutar. Limita-se a passar a toalha pelo corpo, em movimentos rápidos e débeis. É o melhor que consegue fazer.

Novas e agressivas batidas machucam a porta do banheiro e os ouvidos de Liana, acompanhadas pela estrídula voz de Priscila:

– É pra hoje? Seu Natanael já mandou chamar você, ouviu? E além do mais o banheiro não é só seu não, viu, meu amor?

Liana abre a porta. Priscila olha para ela com espanto, e então um sorriso começa a se desenhar em seu rosto.

– Você está toda molhada.

– Sim – Liana concorda. – Molhadinha.

Os lábios que estavam quase sorrindo agora se franzem em censura.

– Você não vai ter tempo de se maquiar. Nem de vestir muita coisa. O locutor já está anunciando o seu nome.

– Tudo bem – Liana diz simplesmente.

– Vai assim mesmo, de toalha? – o olhar de Priscila é incrédulo, quase chocado.

– Vou.

Até então Liana nem sequer havia cogitado a questão de seu traje, mas aceitou de bom grado a sugestão involuntária da outra.

Ela se lembra de seu pai, que costumava dizer toda vez que chegava bêbado em casa, o que acontecia dia sim e outro também:

– *Abriu a porteira, mete a rombeira!*

Priscila fica por um instante olhando para Liana, sem conseguir entender. Então resolve que a outra perdeu o juízo de vez. Faz uma cara de desgosto e solta o veneno, por fim:

– Tente não pingar muito no palco, está bem? Depois de você, é a minha vez.

Sem esperar resposta, entra no banheiro de pescoço empinado, batendo a porta.

A meio caminho da coxia, Liana é interceptada por Natanael. O gerente parece menos imperturbável que de costume.

– Mas onde está a sua cabeça, mocinha? E que trajes são esses? Não há mais tempo agora. Ande, venha logo, você está muito atrasada. Sabe como eles ficam nervosos quando são obrigados a esperar. Não demora muito e começam a destruir o cinema. Ande logo, menina, vá!

Liana obedece docilmente e segue na direção indicada pelo dedo comprido e descarnado da múmia. De fato, ela não sabe muito bem onde está com a cabeça. Sente-se como que flutuando, separada do corpo. O efeito, não de todo desagradável, é uma intensa sensação de irreabilidade. É como se sua mente tivesse conseguido encontrar um lugar isolado e seguro, distante da ânsia, longe de tudo.

Por um motivo qualquer, ela se lembra do dia em que comentou com Mandrá que estava vindo dançar no Cinema Orxxx. Depois de ter parabenizado Liana e escutado a minuciosa descrição que ela fez do banheiro do camarim, o velho coçou a cabeça e fez um comentário que Liana não conseguiu entender:

– *E, se algum dia você não puder dançar, lembre que sempre poderá cantar.*

Oswaldo, o locutor, aguarda Liana atrás das cortinas cerradas. É um sagui baixinho e gorducho, que se dá ares de importância só porque possui uma voz possante. Ele faz sinal para que Liana se apresse.

– Finalmente – ele limita-se a dizer, em tom arrogante. Tenta olhar Liana de cima, tarefa dificultada pela diferença de tamanho entre os dois.

Mesmo com as caixas de som do cinema despejando uma música estridente em cima da plateia, é possível ouvir nitidamente os assovios, grunhidos e vaia por detrás da cortina. A alegre jovialidade despertada pela apresentação de Pâmela Xoxotão não existe mais. A espera, ainda que de poucos minutos, deixou os ogros de mau humor. É um público hostil que espera por Liana agora.

– Pois muito bem, vamos começar – o mico diz, no mesmo tom irritado.

O barulho da plateia transforma-se em rugido quando ele aparece do outro lado da cortina. O locutor começa a falar ao microfone com a voz empostada, bem diferente da que usou com Liana:

– Fêmeas, lindas fêmeas, muitas fêmeas, meus amigos! Fêmeas no cio, as mais quentes da cidade, nuas em pelo, só para vocês, aqui e agora, no Cinema Orxxx!!!

Depois da introdução habitual, o público serena um pouco. Oswaldo continua em seu ritmo nervoso, despejando palavras em alta velocidade:

– Pois muito bem, muito bem, meus queridos amigos. Não precisam mais ficar nervosos. Aquela por quem todos nós estávamos esperando já está aqui, bem atrás dessas cortinas. Ela mesma, essa linda aventureira que o Cinema Orxxx traz com exclusividade para vocês. Uma devoradora de homens, que está aqui para realizar as mais loucas fantasias daqueles que forem capazes de satisfazer o seu apetite voraz. Não se deixem enganar por sua carinha de anjo, meus amigos. Essa linda mulher que vocês vão ver agora é uma autêntica fazedora de viúvas, capaz de sugar um homem até a última gota e simplesmente matá-lo de tanto prazer. Preparem-se, portanto, para ela, a primeira e única, inigualável: a *Vênus Fênix*!!!

Enquanto o locutor prolonga as sílabas finais, como se estivesse anunciando um gladiador prestes a entrar na arena, as cortinas se abrem e de repente todos podem ver Liana, enrolada em uma toalha, meio curvada pela ânsia. O tema da *Vênus Fênix* começa a tocar nos alto-falantes. É um som eletrônico, um remix prolongado de bases *psy trance*, com graves profundos e BPM acelerado.

Em todas as apresentações que fez, Liana estava chapada de hóstia. Tudo o que ela precisava fazer era balançar os quadris no compasso da música e se lembrar de tirar uma peça de roupa de tempos em tempos, deixando a calcinha para o final da música. Não perto demais do fim, para não fazer os ogros se sentirem ludibriados. Eles precisam ver bastante genitália para que o show seja considerado bom. Mas agora Liana não está drogada, muito pelo contrário. Seu alheamento deve-se à prolongada abstinência de Z, agravada pelo quadro geral de desnutrição e

pelas fortes emoções das últimas horas. E agora ela nem ao menos dispõe de diversas peças de vestuário que possa ir descartando para entreter a audiência. Tudo o que separa a sua nudez total dos ogros é uma única toalha.

No instante em que as cortinas se abrem, a balbúrdia cessa. Por um momento que parece se expandir na mente de Liana, todos os olhos do público voltam-se para ela, com surpresa e expectativa diante daquela insólita cena. E Liana olha de volta para a plateia.

Mesmo em meio à penumbra que envolve o salão do cinema, ela percebe que a casa está mais cheia que de costume. O público predominante é de ogros, mas há também uma múmia perdida aqui e outra ali. E até mesmo um grupinho de jovens playboys, todos sarados de academia e de jiu-jítsu e dispostos a encarar um pouco o lado selvagem da vida. Liana não gosta de vê-los, pois eles a fazem pensar no playboy que Samara matou.

Uma gárgula deslizando entre as fileiras das poltronas chama a sua atenção. As gárgulas oferecem os hábeis serviços de suas línguas a ogros ansiosos para descarregar as tensões. Ansiosos e também com muita disposição, pois a boca daquelas criaturas tem uma dupla fileira de dentes serrilhados. Se bem que disposição é algo que não falta aos ogros. Nesse ponto a natureza foi generosa com eles. Aos ogros nunca falta a semente, muito menos a disposição para semear. É por isso que nascem tantos e vivem quase todos na miséria.

Raras são as vezes que uma gárgula consegue convencer algum ogro a receber um *felatio*, mesmo pela desmoralizante tarifa de cinco contos. As gárgulas só continuam insistindo nisso porque são burras e não conseguem imaginar nada melhor para fazer, é o que pensa Liana. E elas também devem gostar do ar condicionado.

As gárgulas às vezes são burras o bastante para tentar roubar alguma coisa de um ogro, aproveitando a penumbra do salão. Aconteceu uma vez enquanto Liana estava se apresentando, logo em sua primeira semana. Foi uma briga feia, que ela espera não ter de assistir novamente.

O olhar de Liana é atraído para os fundos do cinema, onde uma fila de ogros já se forma diante da porta do banheiro masculino. Quando ouviu falar pela primeira vez dos vermes do pântano no banheiro masculino, Liana não acreditou. Pensou que fosse brincadeira, até porque quem contou a história foi Priscila. A descrença de Liana deixou Priscila indignada e a coisa logo descambou para uma discussão, como acontece com frequência entre as duas. Acabaram decidindo ir juntas ao banheiro masculino, para tirar a prova. O episódio causou forte impressão nos ogros que estavam lá nesse dia, e muito mais em Liana. Ela pôde comprovar por si mesma que a história dos vermes era verdadeira.

Eles são geralmente bem baixinhos, menores até que os saguis, mas isso se deve mais às condições em que vivem do que à sua constituição física propriamente. Expulsos pelo progresso

de seus habitats naturais – os pântanos, mangues e charcos – os vermes tiveram que migrar para as cidades e se adaptar para sobreviver. Os quatro ou cinco que vivem no banheiro masculino do Cinema Orxxx, por exemplo, descobriram um uso valioso para suas bocas em forma de ventosa, macias e sem dentes, que fazem muito sucesso entre os ogros. Em termos financeiros, para os ogros não poderia ser melhor. Os vermes do pântano não cobram dinheiro por seus serviços. O pagamento é recebido em forma de alimentação: esperma de ogro, bem gorduroso e rico em proteínas e sais minerais. Em termos tácteis, os vermes são sérios adversários para as gárgulas, por motivos óbvios. E, em termos visuais, a briga é realmente dura. Os vermes, com o objetivo de se tornarem mais atraentes, passaram a se travestir com adereços e apetrechos femininos. Um deles amarra um sutiã vermelho na parte superior do corpo roliço, outro prende na parte inferior uma saia de odalisca. Há ainda aquele que usa uma meia e cinta-liga e um que chega ao ponto de colocar no topo da cabeça uma grotesca peruca loira.

Foi por conta dessas roupas, aliás, que surgiu a questão dos vermes do pântano. Liana deu pela falta de algumas peças que gostava de usar em sua apresentação e de pronto acusou a colega. Priscila colocou a culpa nos vermes, dizendo que eles deviam ter conseguido entrar no camarim e surripiar as peças. Foi um dia amargo para Liana, que teve de admitir que Priscila estava duplamente certa.

E então a bolha de tempo expandido é rompida, com um estouro quase audível. Ali está a mulher de toalha no palco. Ao verem que ela não se mexe, alguns ogros voltam a assoviar, outros a grunhir. Se é para tentar algo, tem de ser agora!

Liana começa a rebolar no ritmo da música. Ou pelo menos tenta. Move os quadris, mas algo está diferente. Demora um pouco a perceber o que é. Seu metabolismo está muito desacelerado, reduzido a um mínimo. Seguindo a intuitiva sabedoria do corpo, que dita a economia de energia nesse momento, Liana requebra a cintura não no compasso da música, mas exatamente na *metade* do andamento.

Ainda assim, parece que está funcionando. Liana consegue ao menos reconquistar o silêncio da plateia, novamente disposta a ser entretida. O movimento lentificado de seus glúteos, hipnótico em sua monotonia, proporciona aos ogros um espetáculo de inesperada e exótica sensualidade.

Até aqui, tudo muito bem. Agora é só manter a atenção deles em sua dança até o final da música. A faixa remix utilizada como tema da Vênus Fênix tem alguns poucos segundos a mais que quinze minutos, que é o tempo determinado para a apresentação de Liana. Um minuto então já foi. Faltam catorze.

Liana caminha pelo palco, movendo os braços no mesmo ritmo dos quadris. Sinais de inquietação começam a surgir na plateia. Ela precisa fazer algo novo urgentemente.

– *Lembre que você sempre poderá cantar.*

É exatamente o que faz. Liana sente uma *presença* em sua mente. Ou então é um portal, de onde fluem as palavras que ela canta. A melodia é de um corrido de capoeira ensinado por Mandrá e que encaixa bem no movimento de seu corpo:

– *Se até aqui eu vim,*

Não foi pra rirem de mim.

Vou mostrar que sei dançar

E meu corpo vai falar.

Hoje esse povo vai ver

Toda a minha dor e prazer.

Mesmo sem conseguir ouvir a letra, o público percebe que ela está cantando. E de alguma forma consegue captar a entrega de Liana nesse ato, o seu arrebatamento. Ela para bem no ponto em que a bateria da música cessa por alguns compassos. Um momento de expectativa dramática, que Liana geralmente aproveita tirando alguma peça menos importante do vestuário, como uma luva ou um bracelete. Agora ela segue a deixa e tira uma peça de roupa, a única.

Um ruído interessante é produzido quando todos os ogros no salão do cinema prendem a respiração ao mesmo tempo. Agora é para *elas* que o tempo se expande, pela contemplação de algo verdadeiramente belo, inexplicavelmente belo: aquela jovem mulher parada no palco, sem maquiagem, enfeites ou adereços. Mas não se pode dizer que esteja completamente nua. Uma bela tatuagem de Fênix cobre parte de sua pele, começando na coxa direita e subindo até as costelas.

Liana nesse exato instante experimenta uma curiosa sensação de ambiguidade. Pois ela está totalmente presente ali naquele momento, nua diante dos ogros. Ao mesmo tempo, porém, sente um distanciamento tamanho, que é como se nada ali lhe dissesse respeito e ela apenas observasse a cena de muito longe.

Apesar da ânsia e da fraqueza, há uma nova energia fluindo dentro dela. A bateria volta a atacar, enchendo seu coração de ritmo e movimento. Ela se joga. Como se obedecesse a um benévolo *Deus Ex Chemia*, o cérebro de Liana reage ao acúmulo de provas a que foi submetido comandando a liberação de doses maciças das substâncias de que ela mais precisa agora: serotonina, adrenalina e dopamina. Liana sente imediatamente a diferença. Ela está experimentando a melhor viagem de sua vida, sem hóstia. E por isso mesmo a onda é mais pura e poderosa, livre do pernicioso composto Z.

Liana relaxa o controle, deixando que o corpo dite os seus próprios movimentos. Ela dança, completamente esquecida de si mesma. Ela salta, ela gira, ela se joga no chão. Ela fica de ponta-cabeça, ela rodopia. Ela é a resposta da carne à música: ela dança.

Agora sim, não há mais ambiguidade. Liana não está mais lá. Os grilhões do espaço-tempo foram momentaneamente removidos pelas potestades da dança. Não há mais fraqueza, não há mais ânsia. Ela está entregue a uma felicidade há muito esquecida, tão remota e distante que parece ter sido experimentada pela última vez em uma outra vida.

Então algo acontece. Por uma fração da eternidade, Liana rodopia no espaço, livre, leve, reluzente. E nesse átimo de tempo ela se transforma em algo totalmente novo, bem maior e bem mais vivo, surpreendendo a todos, como se de um instante para o outro tivesse se tornado o único ser vivo em um salão repleto de fantasmas.

REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,32 x 10⁻⁵⁷

FANTASMAS

Os fantasmas não existem.

??0—————?<ERRO*[[*[[[FALHANOREGISTRO]*]]*]]
 @^\$?%ERRO*[[*[[[MENSAGEMTRUNCADA]*]]*]]

A música termina quase sem que Liana perceba, deixando-a paralisada em uma pose involuntariamente graciosa. O auditório do cinema é tomado pelo mais profundo silêncio. Coisa raríssima. Aliás, sem precedentes.

E então começa. O primeiro par de mãos rudes e calosas começa a se chocar ritmadamente, gerando o inconfundível som de aplausos. Muitos outros pares de mãos seguem o exemplo. Logo o cinema em peso está ovacionando, soltando urros e guinchos, gritando elogios e obscenidades para Liana. Tamanha reação nem mesmo a grande *Vulva Diabolis*, estrela maior da casa, conseguiu obter.

Liana não está acostumada com aquela efusividade toda. Ela sorri e acena para o público, procurando a sua toalha, que não está à vista em lugar nenhum do palco. Sem dúvida foi surripiada, como item de colecionador, por algum dos fãs que Liana ganhou hoje.

Oswaldo, o mico locutor, sai da coxia já bradando no microfone. O show deve continuar.

— Fêmeas, lindas fêmeas, muitas fêmeas, meus amigos! Fêmeas no cio, as mais quentes da cidade, nuas em pelo, só para vocês, aqui e agora, no Cinema Orxxx!!! Palmas para a poderosa Vênus Fênix, que ela merece!

Liana sai do palco debaixo de uma trovoadade aplausos.

– Amanhã essa gata estará de volta, no mesmo horário. Avisem os amigos e venham conferir de novo essa força da natureza em forma de mulher!

Priscila aguarda na coxia sua vez de entrar no palco, toda montada e produzida. Ela olha assombrada para Liana, como se não acreditasse no que acabou de testemunhar. E então corre para o palco, pois o locutor já está anunciando o seu nome:

– Com vocês, a belíssima, gostosíssima e incomparável *Ishtar Celebrity*!!!

É só pisar no corredor e Liana se sente só de novo. Ela não consegue mais se conectar com a poderosa força que fluía dentro dela. É uma sensação terrível de perda. Para piorar tudo, os espasmos estão voltando. Seu cérebro ainda está saturado de serô, dopa e nora, mas a dependência do composto Z não foi saciada, e é justamente essa abstinência que provoca a ânsia.

Ela atravessa o corredor nua como está. Seu cabelo nem teve tempo de secar direito. Ela sabe que não há ninguém no camarim agora, por isso se agacha para pegar a chave em seu esconderijo habitual debaixo do capacho que fica diante da porta. Entra e fecha a porta, mas não se dá ao trabalho de trancar. Até que gostaria de tomar outro banho e se maquiar um pouco para encarar a noite. Mas a ânsia não admite mais ser negligenciada. Não pode existir outra prioridade agora.

Liana veste rapidamente suas próprias roupas, que havia largado de qualquer jeito sobre a bancada e que Priscila jogou no chão, provavelmente quando se sentou diante do espelho para se maquiar. Sai do camarim. Fecha e tranca a porta. Guarda a chave sob o capacho. Avança com pés ligeiros até o saguão de entrada.

Alguns ogros transitam por lá. Ao verem Liana, reagem com muitos assovios e mais aplausos. Fazem tanto barulho que outros ogros abandonam a sala de exibição para ver o que está acontecendo.

Dessa vez Liana nem se preocupa em bater à porta, pois sabe que com a algazarra feita pelos ogros as batidas não seriam ouvidas. Ela a abre apenas o suficiente para conseguir se enfiar dentro do escritório da múmia e imediatamente a fecha de novo.

– Olá, seu Natanael.

O gerente está debruçado sobre uma pilha de documentos, de caneta em punho. Ele termina de ler a folha que está em sua mão, escreve qualquer coisa nela e a deposita em uma segunda pilha, menor, ao lado da primeira. Só então seus olhos embalsamados voltam-se para Liana.

– Você dançou bem.

– Obrigada.

– Apesar do atraso.

– Desculpe por isso.

– Tive que interromper minhas obrigações aqui para cuidar do problema que você causou. Acabei atrasando o meu serviço também.

– Sinto muito, seu Natanael. Não vai acontecer novamente.

– Mas os ogros gostaram muito de sua nova performance. Nunca vi aplaudirem tanto.

– Muito obrigada.

– Se continuar dançando assim e não se atrasar novamente, posso até pensar em fazer um teste com você na segunda sessão. Um dia desses.

Liana já não tem paciência:

– Seu Natanael, se o senhor não se importa, eu gostaria de receber logo o meu pagamento. Preciso comprar aquele remédio, lembra?

A múmia olha para Liana por um longo instante, em apreciação. Então, sem dizer palavra, abre uma gaveta em sua escrivaninha, de onde retira quatro notas de vinte para pagar Liana. Ao sentir as cédulas em sua mão, ela relaxa a guarda, acossada pela ânsia. Ela pensa em quantas hóstias poderá comprar com aquele dinheirinho suado.

Uma ruidosa e impertinente sequência de peidos se faz ouvir no escritório da múmia, pairando acima do barulho que os ogros ainda fazem lá fora. Liana não tem onde enfiar a cara. Ela repete, miseravelmente:

– Desculpe.

Sem ousar encarar os olhos da múmia, que certamente exigem alguma explicação, ela acrescenta:

– É a minha enxaqueca, sabe?